

RUBEM BRAGA

A Casa do Alemão

Foi meu prezado amigo da esquerda, amigo e vizinho nesta pagina, Nilo Ruschel, que me contou. Quando chegamos lá elle mandou parar o carro:

— E' ali.

Olhamos a pequena e extranha construção de cimento. Lá dentro havia um operario collocando tijolos. Estava estragada toda a litteratura de Nilo Ruschel.

— Você disse que elle fazia tudo sozinho. Agora elle contractou um operario.

Mas no mesmo instante o operario virou a cabeça para nos olhar, inquieto. E vimos então sua grande cara barbuda, de uma grande barba ruiva:

— E' elle mesmo!

Nesta hora em que escrevo, o allemão barbudo está la, construindo, sozinho, a sua casa de cimento armado, em Petropolis. Está sozinho, com a sua barba immensa, fazendo a sua propria casa. Mora no pequeno porão. Até a cumieira é de cimento armado. Sua historia eu não sei. Dizem que foi ferido na Grande Guerra, ferido no corpo e no espirito. Depois emigrou. Deixou crescer a barba, talvez para esconder as cicatrizes do rosto. E para esconder as cicatrizes da alma se fez solitario. Trabalha em alguma parte— para viver. Mas a grande obra de sua vida é aquillo: a sua casa, a sua pequena casa de cimento armado, solida, pequena, invulneravel. Dizem que elle tenciona captar a electricidade da atmospherá. Eu duvido. Duvido que o solido allemão barbudo queira captar alguma coisa, seja na atmospherá, seja na terra, seja no mar. Em um de seus livros, Oswald de Andrade escreveu, caracterizando a confusão de S. Paulo durante uma revolução: "Sou o unico homem livre desta formosa cidade porque tenho um canhão no meu quintal". Durante os conflictos entre fascistas e socialistas, na Italia, foi preso Hercole Bambucci, futuro discipulo do mestre Julio Jurenito porque, armado de uma carabina, dava tiros para os dois lados. No fim da guerra da Hespanha dizem que foi preso na fronteira da França um anarchista hespanhol. Perguntaram-lhe si elle estava ao lado dos republicanos. Disse que não. Estava ao lado dos nacionalistas? Também não. Concluíram que o homem não tinha tomado parte na lucta. Mas elle explicou, orgulhoso, com um profundo desprezo por nacionalistas e republicanos:

— Eu tinha um fuzil-metralhador e luctava por conta propria...

O allemão barbudo de Petropolis é um desses. Apenas elle

não lucta. Elle se defende por conta propria. O mundo está confuso. Povos invadem povos. Cidades são arrazadas. Canhões dão berros de morte, aviões despejam bombas, metralhadoras cortam carne. E elle sabe o que é uma guerra. Sua velha barba ruiva treme de espanto:

— "Elles" começam outra vez?

Onde irá parar o mundo? Que farão os homens que continuam se matando? Que vae acontecer? Então o velho barbudo exclama:

— Eu faço com minhas proprias mãos, sozinho, a minha casa onde vou morar sozinho. Eu mesmo faço os alicerces e ponho o cimento nas formas, e colloco tijolo sobre tijolo. Não pedi a ninguem para desenhar a minha casa nem peço a ninguem que me ajude. A casa é minha e para mim. Sou apenas um homem. Faça-a de cimento, extranha como um tumulto, forte como um "block maus". Os povos constroem linhas de cimento armado para se defenderem. Eu não sou um povo, eu sou um homem. Homens morrem aos milhares, aos milhões. Já vi homens morrendo, já matei homens. Não quero morrer. Nada espero da vida. Não preciso nem que o vento mexa em minhas barbas — e a minha casa será tão dura, tão aspera que nenhum passarinho virá perto della cantar. Não plantarei arvore nenhuma, nem levarei para dentro de minha casa nenhuma mulher. Com uma mulher eu poderia ter um filho, que mais tarde seria um homem. Evidentemente seria uma estupidez: ha homens demais, e tantos que elles se matam. Eu sou um homem e na certa morrerei. Mas si a morte quizer me pegar, ella tem de vir me buscar dentro de meu forte de cimento armado. Quero viver. Quero viver cercado de cimento, eu commigo mesmo, dentro da minha toca de cimento que faço com minhas mãos, com meu suor, com minha força. Guerreirei-se, arreben-te-se, damne-se, estripe-se quem quizer. A humanidade continue se matando e gerando mais filhos que se matarão. Eu sou um homem, irreductivamente um homem, um homem apenas — nada tenho a vêr com a humanidade. Não quero saber de homens nem de mulheres, nem de borboletas nem de coisa alguma. Faço a minha casa de cimento e moro dentro della."

Assim falaria o allemão barbudo. Mas na verdade não fala coisa alguma. Está calado, só, debaixo do sol, sujo, feroz, formidavel, construindo com suas proprias mãos a sua casa de cimento!